

OS BEBÊS E A DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: entre convites sensíveis e contágios corporais-afetivos

BABIES AND DANCE IN CHILDREN EDUCATION: between sensitive invitations and bodily-affective contagion

Daniela Guimarães²⁰⁶

Carolina Cony²⁰⁷

Resumo

Este trabalho apresenta uma experiência instituinte em uma escola de Educação Infantil universitária. Focaliza situações vividas em encontros de dança com o grupo de bebês da referida escola, coordenados por uma artista-dançarina e professora. Neste contexto, são descritos e analisados os convites-sensíveis da professora à expressão criadora das crianças. Discute-se a experiência estética na Educação Infantil, inclusive com as crianças de 0 a 2 anos, destacando-se a potência simbólica e a qualidade social e humanizadora dos gestos dos bebês mobilizados com a dança.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Bebês. Dança.

Abstract

This work presents an instituting experience in a university Early Childhood school. It focuses on situations experienced in dance encounters with the group of babies of the referred school, coordinated by an artist-dancer and teacher. In this context, the teacher's invitations to the creative expression of children are described and analyzed. The aesthetic experience is discussed in Childhood Education, including children from 0 to 2 years old, highlighting the symbolic power and the social and humanizing quality of the gestures of the babies mobilized with the dance.

Keywords: Child education. Babies. Dance.

²⁰⁶ Doutora em Educação pela PUC-Rio; Pesquisadora do Grupo Infância e Docência na Creche/UFRJ; Professora Associada da Faculdade de Educação da UFRJ, email - danguimaraes@uol.com.br

²⁰⁷ Licenciada em Dança pela Faculdade Angel Vianna; Professora Substituta de Dança da Escola de Educação Infantil da UFRJ; email: carolcony@gmail.com

Introdução

Em nosso jardim havia um pavilhão abandonado e carcomido. Gostava dele por causa de suas janelas coloridas. Quando, em seu interior, passava a mão de um vidro a outro, ia me transformando. Tingia-me de acordo com a paisagem na janela, que se apresentava ora chamejante, ora empoeirada, ora esmaecida, ora suntuosa. Acontecia o mesmo com minhas aquarelas, onde as coisas me abriam seu regaço tão logo as tocava com uma nuvem úmida. Coisa semelhante se dava com as bolhas de sabão. Viajava dentro delas por todo o recinto e misturava-me ao jogo de cores de suas cúpulas até que se rompessem (BENJAMIN, 1993).

Este trabalho apresenta o relato e a análise de uma experiência instituinte em uma escola de Educação Infantil universitária. Ao longo de um ano, todos os grupos de crianças da referida escola viveram encontros semanais de dança com uma professora artista-bailarina. Neste processo, destacou-se a experiência com os bebês, de 0 a 2 anos. O contato dos bebês com as propostas da dança fez brotar gestos, afetos, sentidos partilhados com o corpo.

A epígrafe explicitada acima é fecunda na discussão da experiência das crianças na interpretação corpórea dos signos do mundo, como produção de linguagem. Benjamin (1993) convida-nos à reflexão sobre a dimensão mimética e sensível da linguagem humana. Para o autor, o homem tem capacidade singular de produzir semelhanças, que se revelam no âmbito ontogenético, de modo especial, no movimento e na brincadeira imitativa das crianças.

A experiência mimética do menino Walter evidencia suas formas de entrelaçar-se com o mundo entorno: as bolhas de sabão faziam o menino voar; o passear das mãos sobre os vidros coloridos tingiam-lhe o corpo. Nesta perspectiva, o corpo é espaço-tempo de construção de sentidos e modos de estar no mundo, o que ocorre também na dança.

Esta perspectiva alinha-se com o que indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil/2009 (DCNEIs/2009), na medida em que estabelecem

no art 9º que os eixos do trabalho pedagógico na Educação Infantil são as interações e as brincadeiras (BRASIL, 2009). A dança apresenta-se como oportunidade de criação de interações das crianças com o adulto, delas entre si e com objetos, disparando afetos, movimentos, conquistas corporais. O mesmo art 9º expõe que o trabalho pedagógico na Educação Infantil deve favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens, com progressivo domínio de variadas formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical. Nesta trilha, a dança coloca-se como uma linguagem expressiva, mobilizadora da experiência relacional e estética.

Na situação aqui discutida, a professora era especialista, licenciada em dança, mas também artista, o que nos convoca a pensar sobre qual o lugar da dança no cotidiano da Educação Infantil. De fato, trata-se de uma linguagem corporal que deveria atravessar o trabalho do professor regente, o pedagogo, no cotidiano das crianças nas instituições. No entanto, como afirmam diversos estudos, esse é um ponto nevrálgico da discussão da arte na escola. Araújo (2014) afirma que “a polivalência acabou implicando na superficialização do ensino de arte” (p.62), especialmente pela formação incipiente do pedagogo no campo das artes. A presença do especialista, nesta experiência aqui relatada, leva-nos a pensar sobre a potência da experiência do adulto-professor com a arte para o enriquecimento da experiência com as crianças.

Para Araújo (2014), a polêmica acerca da formação e experiência artística do professor de arte acirra-se no campo da dança, pois “a didática da dança pressupõe um entendimento corporificado dos elementos que envolvem um fazer artístico com o corpo” (p.63). No contraponto, a compreensão instrumental e funcional da dança na educação coloca-a, muitas vezes, como recreação, entretenimento, oportunidade de ilustrar festas escolares e lugar de exatidão de movimentos prescritos pelos adultos. Neste trabalho, ao trazer a experiência de artista para os encontros com as crianças, a professora potencializa os contatos, pela criação de espaços cênicos, pelo diálogo travado com a experiência estética e as crianças, inclusive os bebês.

Estas ideias coadunam-se também com a perspectiva de Benjamin (1984) quando, ao referir-se às relações alteritárias entre crianças e adultos na realidade

contemporânea, afirma que “ o mundo dos adultos não se opõe em bloco ao mundo das crianças, há os que sabem dialogar (...) muito mais próximos da criança que o pedagogo bem intencionado. Ihe são o artista, o colecionador, o mago” (p.14). Esta é uma provocação em relação às ações pedagógicas com as crianças, no sentido de interrogarem-se sobre os seus propósitos, sobre o movimento de compreensão das lógicas infantis, a capacidade de escuta e empatia.

Nesta perspectiva, a seguir, vamos apresentar o contexto dos encontros com a dança e os bebês, juntamente com a análise de extratos destes encontros, refletindo sobre como podem lançar luz sobre a potência dos bebês na relação com adultos-professores. Focalizaremos como a aproximação com a arte e a peculiaridade estética da experiência com a dança, o teatro e outras linguagens artísticas alimentam as possibilidades pedagógicas com as crianças pequenas, desde os bebês.

1 – No berçário de uma escola universitária: convites-sensíveis e corpos-afetivos

Os encontros entre bebês, professora e dança aqui discutidos aconteceram em uma Escola de Educação Infantil pública de uma Universidade Federal numa capital da região sudeste do Brasil. A escola atende crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de idade. A experiência focalizada aconteceu no berçário da instituição – chamado de Grupo 1 – composto por bebês a partir dos 4 meses de idade até cerca de 1 ano e meio. A turma era composta por 10 bebês, 3 meninos e 7 meninas e um total de 5 professoras (todas mulheres), que se organizam em três turnos diários (2 pela manhã, 3 no horário intermediário e 2 na parte da tarde). As experiências de dança aconteciam uma vez por semana durante cerca de 40 minutos em cada semana, coordenadas pela professora licenciada em dança e artista/bailarina e acompanhada pelas professoras regentes do grupo.

Este trabalho configura-se como um relato reflexivo sobre a experiência da professora de dança com bebês, a partir da análise do seu caderno de registros. Na trilha do trabalho etnográfico, tal como propõe Oliveira (1986), ao longo das

experiências com a dança, o movimento da professora era de olhar, ouvir e escrever com a maior acuidade possível os momentos de relação e contato entre adultos e crianças. Para tal, foi utilizado o caderno de campo, onde procurava-se documentar de modo denso e detalhado os episódios de interação observados nas experiências propostas, logo após os encontros. No processo de escrita, os episódios eram descritos e ensejavam reflexões. Mais adiante, neste trabalho, os relatos a partir do caderno de campo são explicitados para mobilizar a discussão sobre a experiência vivida.

A presença da dança na educação, inclusive na Educação Infantil, provoca criticamente a ideia do corpo disciplinado, da instituição educativa como lugar do silêncio, do controle, da contenção. Como afirma Strazzacappa (2001), “a noção de disciplina na escola sempre foi entendida como não-movimento” (p.70).

Para além das capacidades motoras das crianças, a dança mobiliza a criação, a expansão expressiva, a emoção. Também, para além do contato com diferentes manifestações culturais de dança, produção e espetáculos e apresentações, a dança na educação compromete-se com a produção estética, sensível e imaginativa das crianças, o que não se dá sem a reflexão sobre o repertório a ser partilhado e o planejamento de situações provocadoras. Na dança, a exploração sensorial alia-se à exploração espacial em práticas onde a criação coreográfica, a invenção de movimentos e a experimentação de possibilidades corporais dão o tom do trabalho, ao invés de coreografias pré-programadas, exigência de movimentos estabelecidos pelo adulto (STRAZZACAPPA, 2001).

Do ponto de vista da consideração dos bebês, a relação com a dança também é instigante, no sentido de desinstalá-los do lugar social que ocupam tradicionalmente, como seres da falta, da incompletude, da dependência. Alguns estudos atuais do campo da Educação Infantil (RAMOS, 2010; COUTINHO, 2010; CASTRO, 2013; MARTINS FILHO, 2016) apontam a potência dos bebês nas relações sociais, reconhecendo-os pela capacidade de iniciar contatos, desenvolver interações, sustentar encontros com os pares, relativizando como marcas da atuação do bebê no mundo, a perspectiva do egocentrismo, a ênfase nos aspectos biológicos ou a socialização tardia. Outros estudos (GUIMARÃES, 2011; SCHMITT, 2014) evidenciam as relações entre adultos e

bebês na creche, discutindo o cuidado como ética, isto é, atenção aos movimentos das crianças pequenas e bebês, num caminho onde responsividade, diálogo e afetividade são propulsoras do trabalho pedagógico.

Em outra perspectiva, reflexões também do campo da Pedagogia destacam a potência das linguagens artísticas na relação com os bebês, exatamente porque colocam em jogo possibilidades de comunicação e construção de sentido com o corpo, o que é muito presente nos contatos com os bebês, para além da fala e da oralidade. Barbosa & Fochi (2011), a partir do diálogo com a experiência italiana, destacam o teatro como possibilidade de trabalhar com a linguagem como expressão, como comunicação ou recurso de experimentação, desde os bebês.

Na experiência com a dança, foi possível observar a atenção partilhada entre bebês e professora, a imitação como possibilidade de ampliação das possibilidades do corpo, o cuidado como atenção ao tempo próprio de cada um e do grupo e como interesse pela invenção que brotava da relação com as propostas apresentadas

As cenas criadas nas relações entre bebês e professoras apresentavam-se como experiências estéticas, em consonância com o que propõe Bakhtin (2011). Para este autor, a obra de arte envolve múltiplas redes de relações axiológico-culturais expressas na atividade estética. Pela construção do objeto estético é que o social e o histórico se tornam elementos internos (e não externos) de qualquer obra de arte. No ato artístico, aspectos do plano da vida são destacados de sua eventicidade, são organizados de um modo novo, subordinados a uma nova unidade. Organiza-se, assim, um “novo mundo” (FARACO, 2011).

A experiência com a dança atravessada pelas referências culturais da professora artista, sua posição axiológica na construção de cenas dançantes e dançáveis, imprimiam qualidade estética aos encontros e propostas que afetavam fortemente os bebês.

Nos bebês, o corpo é expressivo e nos contágios afetivos e nas imitações, constitui-se linguagem antes da linguagem oral (WALLON, 2005). A eloquência dos gestos cênicos do artista-professor mobiliza a produção de sentido dos bebês nas relações corporais, o que se explicita nos olhares, sorrisos, gestos como figurações

simbólicas dos gestos adultos.

A seguir, algumas cenas expressam a força criadora e humanizadora dos encontros dos bebês com a dança.

Vestido cênico

Em uma atividade da semana, foi utilizado um objeto que faz parte de um espetáculo de dança e teatro, no qual sou a idealizadora e intérprete. O objeto se trata de um vestido preto, muito maleável, e com ele desenvolvo inúmeros gestos, que criam e sugerem diferentes imagens. Em cena, uma vigorosa partitura de movimentos é desenvolvida sem a possibilidade de ser alterada. Existe uma partitura fixa, uma coreografia memorizada, que acompanha uma música criada especialmente para aquele momento. Não seria impossível mudá-la; mas nesse caso, a escolha cênica se deu na relação entre gesto, música e imagens. No momento em que me disponibilizo a fazer um recorte no espetáculo e deslocar essa única cena para a escola, especificamente para o grupo de bebês, a cena já não é mais o que era (...)

Em um determinado momento, comecei a manipular o vestido, sem a exigência de atenção dos bebês. Não os convoquei para olhar, apenas comecei a performance. Meu corpo, aos poucos, alterou a maneira de estar no ambiente e minha atenção ao vestido se ampliou. O primeiro gesto foi puxá-lo vagarosamente, enquanto ainda estava esticado no chão. Eu estava de pé, atrás dele, e puxei a barra da saia delicadamente até chegar do lado extremo do vestido. Quando já estava organizado o suficiente, inseri a cabeça para começar a vestir e num gesto brusco, mergulhei dentro dele. Cada gesto era um acontecimento, explicitando todo o movimento necessário para colocar as mãos e os braços na roupa.

Aos poucos os bebês foram se interessando pelos movimentos e pelas imagens, e esse estranhamento gerou curiosidade. Os gestos adultos criavam imagens que chamaram a atenção dos bebês, evidenciando um convite sensível ao encontro. A partir da curiosidade que se manifestava no olhar expressivo, eles se deslocaram em direção a mim e na aproximação dos corpos, criou-se uma interação intensa.

Nesse momento a interação aconteceu de forma direta e os bebês precisaram tocar aquilo que estava chamando a atenção deles. Aos poucos se apoiaram sobre meu corpo com a intenção de atingir a postura em pé para procurar algo dentro do vestido, já que meu rosto estava coberto. A partir desse apoio buscávamos um equilíbrio coletivo e necessitávamos de uma interação dos nossos corpos para isso. No instante que percebo o deslocamento e o toque deles no meu corpo, meu movimento se transforma imediatamente e altero as suas qualidades, associando a outras combinações dos fatores do esforço.

Meus movimentos tiveram que ralentar, minha atenção ao espaço

ampliou e o tempo se alongou. Os próprios gestos, aqueles memorizados, foram radicalmente alterados e fui impulsionada para um improviso que alterou completamente minha relação com o tempo, ritmo, espaço, peso (relato a partir do caderno de campo, Maio de 2018).

Esta atividade específica afirma a potência do encontro entre os corpos, na experiência com a linguagem da dança, pela capacidade de transformação também do educador, que acontece a partir da experiência sensível e que é construída durante o processo e não pode ser garantida por algo anterior a ele. A dimensão alteritária da relação com as crianças, inclusive os bebês, impele o professor a modificar-se na relação com eles, desviando-se da cena previamente preparada, ajustando-se ao contato.

Tomamos, a partir desta cena, a indagação de Gil (2009), a saber: como constrói o bailarino o seu gesto? Em que ele se distingue de um gesto comum? Desdobramos a questão na reflexão sobre o quê do gesto bailarino afeta as crianças pequenas, de modo especial os bebês de forma tão contundente como observamos nas situações de dança com eles. Diante do gesto-dança do adulto, o bebê parece convocado também ao movimento, focaliza o olhar, busca o contato.

De acordo com Gil (2009), o movimento dançado distingue-se do movimento comum porque é mobilizado pelo interior e não pelo mundo externo. A conexão dos bebês com a mobilização afetiva e sensível dos gestos da professora-bailarina exprime-se na resposta, nos seus gestos-resposta. No caso da interação com o vestido-cênico, a performance do adulto, o contato com o sentido do seu próprio movimento parece instigar as crianças ao deslocamento, à exploração do próprio corpo delas e suas possibilidades.

No movimento dançado, a busca de equilíbrio não depende só da consciência. O equilíbrio é buscado no desequilíbrio, na construção de uma atenção ao movimento. É dinâmico, criado a partir do conjunto de movimentos, o que os bebês e a professora viveram, quando eles se apoiaram no corpo dela e novas formas e ritmos precisaram ser produzidos.

Bolinhas coloridas

Numa atividade específica recebemos os bebês com bolinhas coloridas espalhadas pela sala, preenchendo quase todo o chão. Chamamos esse procedimento de “convites- sensíveis”, na medida em que crianças se deparam com um espaço diferente daquele já conhecido e esperado. Esse convite causa um estranhamento e curiosidade para explorar o ambiente de maneira lúdica. Nesse dia, os bebês chegaram aos poucos e ficaram um tempo sentados observando o espaço. Os interesses eram diversos, às vezes focavam nas bolinhas, outras vezes nos meus movimentos em relação a elas, e entre esses interesses uma imensidão de pequenos focos. Comecei a manipular as bolinhas aos poucos, com calma e leveza, com algumas pausas entre os gestos. O primeiro movimento que criei foi uma simples ação de jogar e pegar uma bola para cima com a mesma mão. Repeti essa ação algumas vezes acompanhada com um som vocal que improvisei para aquele gesto, e durava exatamente o tempo em que a bola saía da minha mão e voltava novamente. Aos poucos, fui ampliando a ação de lançar a bola e meu tronco se tornou mais protagonista na ação. Meu corpo estava mais envolvido com aquele gesto, e esse envolvimento gerou mudanças de posição, o que resultou em alguns olhares mais atentos para aquela pequena sequência de movimentos que começava a ser criada. Com o aumento do impulso, alterei a posição inicial do meu corpo, e criei uma pequena partitura que ia da posição sentada para a de joelhos, repetidamente. A alteração da postura foi feita algumas vezes, o que possibilitou diferentes combinações de ritmos, intensidades e pausas. A primeira reação de alguns bebês, após o olhar que penetrava a experiência, aconteceu num pequeno balanço do tronco, que foi aumentando conforme o nível de envolvimento. Começou com o balanço e logo uma composição de pequenos gestos foi criada. Gestos que começavam em partes do corpo até englobá-lo totalmente. Palmas, sorrisos, balanços maiores até deslocamentos mais ágeis pelo espaço, suspensão de quadril e exploração do contato com o corpo das professoras, utilizando-as como apoio e subindo nas costas, nas pernas e nos braços (relato a partir do caderno de campo, Março de 2018)

A partir das experiências com os bebês, percebemos a importância de atentar ao tempo que cada um deles precisa para explorar o ambiente. A experiência só acontece quando estão confiantes e confortáveis para explorar livremente. A partir do convite sensível no início do encontro foi possível construir suportes para que os bebês pudessem experimentar suas possibilidades corporais e criativas. Durante o processo, construímos juntos espaços e tempos para escutar, observar, propor e ampliar os caminhos para as descobertas dos corpos, interagindo uns com os outros. A potência

do percurso pedagógico, desde a escolha do material até as propostas dos movimentos iniciais, inspirados na experiência artística do adulto, possibilitou vivenciarmos a dança de maneira coletiva, atenta e prazerosa.

É perceptível o aumento do interesse dos bebês quando ampliamos nossa atenção para aquilo que estamos fazendo. Pode ser um gesto simples, que aos poucos se transforma em um gesto potente, que não está apenas à serviço do mundo externo, mas que traz, em seu momento efêmero, os impulsos internos e subjetivos daquele que o executa. Podemos dizer que o corpo cênico do adulto desperta o interesse dos bebês, provocando-os a desenvolverem suas pesquisas subjetivas.

As sugestões corporais do adulto reverberam nas crianças. Olhar e movimento imitativo revelam interlocução corporal. A manipulação das bolinhas com leveza, as pausas entre os gestos, a inusitada ação de jogar para o alto a bola acompanhando o movimento de um som vocal, a participação do tronco como possibilidade de estender a ação inicial, configuram gestos que mobilizam os bebês em suas possibilidades interativas também.

A perspectiva de Wallon (2008) acerca dos gestos rituais, no campo da Psicologia, contribui para ampliarmos a análise destas cenas. Para o autor, além do gesto prático, marcado pela combinação de meios materiais e corporais para atingir determinados fins, distingue-se nos bebês o gesto ritual, que “não significa nada senão relacionado a um protótipo, não tem outro motivo senão obter por intermédio deste um resultado cujas condições não pertencem (...) ao campo das circunstâncias presentes” (p.116). Isso quer dizer que se destacam os gestos que se apresentam como prenúncio da atividade simbólica, com força evocativa, representativa. Wallon (2008) acrescenta que a criança demonstra, desde as primeiras semanas de vida, uma sensibilidade afetiva que vai organizando-se gradualmente em diferentes manifestações. Afeta-se pelo ambiente e afeta este ambiente de diferentes maneiras desde os primórdios seu desenvolvimento. A presença do gesto ritual, da sintonia afetiva, dos contágios de movimento, da comunicação expressiva e de diferentes manifestações e trocas corporais mostram-se muito presentes a partir da relação com as performances cênicas, onde o corpo do adulto também se coloca de modo sensível

e atento.

Esvoaçantes e Penetráveis

A chegada do grupo de bebês à sala de trabalho com a dança acontece, muitas vezes, com choros e resistência em movimentarem-se do espaço de referência para outro. Para fazerem esse deslocamento, é preciso um tempo dilatado, de construção de segurança deles na escola e de construção de um vínculo forte comigo. Só é possível o deslocamento depois de muitos encontros na sala de referência, junto com as professoras regentes.

Com o passar do tempo, esse movimento acontece com mais fluidez e, geralmente, vou buscá-los para haver uma compreensão e uma preparação subjetiva deles para a mudança de espaço e experiência. Em um determinado dia, ao chegarem no espaço da dança, os bebês se depararam com tecidos que disponibilizei e observaram o que o espaço oferecia. No primeiro momento, ficaram atentos ao espaço, mas ainda não interagiam com os materiais. Aos poucos, aproximamo-nos deles manipulando ou não os tecidos espalhados pelo chão. Alguns bebês observavam, mas já se aproximavam do objeto de interesse, curiosos e ativos para o toque e a experimentação direta do material. A partir de então, eu me inseri nas interações, sutil e delicadamente, para compor movimentos. Observamos os impulsos, as repetições e usamos estes gestos como recursos para nos comunicarmos, dialogarmos e para criar coreografias momentâneas, através daquilo que os corpos dos bebês propunham (relato a partir do caderno de campo, Maio de 2018).

Pensar e viver a dança com os bebês requer atenção e sensibilidade. Mais do que criar propostas e atividades, está em jogo uma qualidade de estar junto, presente e atento às diferenças e às especificidades de cada sujeito e das relações criadas. Não se trata de preencher rapidamente os espaços vazios ou os tempos de silêncio e aparente não-movimento; mas, sim, deixá-los esvaziar-se e preencher-se na dinâmica do encontro, a partir do que mostram as crianças com os espaços, recursos e cenários preparados pelos adultos.

As referências artísticas e culturais do professor contribuem para a criação e preparação destes encontros sensíveis com as crianças. A partir da leitura do texto de Walter Benjamin, *Esconderijos*, foi possível atentar para a possibilidade das crianças de transformarem-se naquilo que experimentam, que se envolvem, que tocam e

vivenciam. Foi possível compreender a linguagem mimética nas experiências com a dança e os recursos mobilizados, como os tecidos. O “tornar-se esvoaçante” de Benjamim, ampliou as possibilidades sensíveis nas interações com a dança em nossa experiência.

Atrás do cortinado, a criança transforma-se ela mesma em algo branco que sopra como o vento, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela pôs-se de cócoras, deixa-a transformar-se em ídolo de madeira em um templo onde as pernas talhadas são as quatro colunas. E por detrás de uma porta, ela é a própria porta, carrega-a consigo como uma pesada máscara e enfeitiçará, como um sacerdote mágico, todas as pessoas que entrarem desprevenidas (BENJAMIN, 1984, p.80).

Alguns encontros foram preparados em conexão com este olhar sensível benjaminiano, e possibilitaram um envolvimento dinâmico de todos os que estavam presentes.

Com a imagem do tornar-se esvoaçante, iniciou-se brincadeiras com tecidos de diferentes tamanhos, cores e texturas. Inicialmente os tecidos eram distribuídos no chão, e ficavam à disposição dos bebês para serem manipulados de diversas maneiras; puxando, arrastando, se escondendo sob eles, etc. Algumas brincadeiras se tornaram marcantes para o grupo, como foi o caso do dia em que uma criança sentou sobre um tecido grande e as professoras o puxaram pelo espaço. O gesto chamou a atenção de quase todos os bebês, que se deslocaram imediatamente em direção ao tecido. Passeávamos pela sala puxando seis ou sete crianças sentadas sobre ele. O tecido se transformava num transporte coletivo para bebês e a ação passou a ser repetida muitas vezes. No momento em que se deparavam com os tecidos, os bebês demonstravam o desejo de realizar a mesma brincadeira, e expressavam isso com o simples gesto de ir até ele e sentarem-se. Uma comunicação corporal eficiente se estabelecia entre crianças e professoras de maneira potente e afetuosa (relato a partir do caderno de campo, Junho de 2018).

Após essas experiências, voltamo-nos a outras referências artísticas para desenvolver e aprofundar a relação com os materiais sensíveis. Algumas obras de artistas brasileiros dos anos 70 foram inspiradoras, principalmente as de Hélio Oiticica. Os encontros com os bebês foram planejados a partir das instalações deste artista, denominadas “Penetráveis”. Trata-se de instalações em que o espectador

experimenta a obra, participando de forma ativa. A obra depende da interação para existir, pela exploração de todos os sentidos de quem a experimenta.

A partir da referência dos Penetráveis, as mudanças no espaço foram determinantes para iniciarmos e desenvolvermos as interações com os bebês. O ambiente era alterado e recortado com tecidos de diferentes tamanhos, texturas e cores que eram esticados de maneiras diferentes, criando um espaço possível de descobertas, caminhos e sensações diversas. Um tecido esticado sobre nossas cabeças criava uma pequena cabana, enquanto tecidos mais esvoaçantes, leves e transparentes dividiam a sala e nos remetiam aos varais da infância. E ainda outros, menores soltos no chão, ou pendurados de maneira diferente, possibilitavam muitos movimentos e brincadeiras.

A primeira vez em que construímos nossa instalação na sala, recebemos os bebês aos poucos. A primeira criança a entrar nos proporcionou um momento sublime de experiência. Ao entrar na sala, percebeu o espaço transformado e parou sob os tecidos pendurados, e ali se demorou. Observou o ambiente com calma e dedicação. Alguns instantes breves, mas profundos de experiência, silêncio e existência. Logo depois, os outros bebês começaram a chegar e cada um reagia diferentemente diante daquela surpresa no meio da manhã.

O ambiente apresentava inúmeras possibilidades de percursos e interações. Movimentos corporais eram criados a partir da investigação individual de cada bebê. A sensação do toque no tecido suave permitia movimentos mais leves, enquanto que o desejo de puxar o tecido tornava o gesto mais firme e objetivo, proporcionando uma relação com o fator peso, elemento essencial para a linguagem da dança (Relato a partir do caderno de campo, Junho de 2018).

No diálogo com o sistema elaborado por Laban (1978), observamos os movimentos criados pelas crianças a partir da manipulação dos objetos com diferentes texturas, possibilitando experiências em relação às qualidades e diversas combinações dos fatores do movimento: espaço, tempo, peso e fluência.

Laban foi um coreógrafo, pesquisador e educador, que criou um sistema complexo de análise dos movimentos, sistematizando combinações de esforços. O sistema parte de algumas observações básicas em relação ao movimento humano e levanta perguntas como: o que se move? Onde se move? Quando se move? Como se move?

Nas atividades de dança, exploramos os materiais e nossos corpos, brincando e

provocando diferentes combinações desses fatores presentes nos movimentos humanos, para que a partir deles a criança tenha uma maior percepção de si e construa o contato com o mundo interno, podendo vivenciar também a experiência dramática e expressiva da linguagem da dança.

Nestas experiências, pequenas sequências e partituras foram elaboradas e possibilitaram a expressão dos mundos internos dos bebês, criando sentidos próprios que se comunicam com o mundo externo, transformando-o. Essa interação e participação no mundo a partir da dança possibilita o pertencimento das crianças no seu entorno e os caminhos coreográficos elaborados nas brincadeiras, aproximam o corpo que brinca com o corpo que atua, dança e se transforma.

Considerações Finais

Ao referirem-se à linguagem teatral Barbosa & Fochi (2011) afirmam uma aproximação em relação à linguagem dos bebês que reverbera expressividade e ampliação de suas possibilidades comunicativas. Podemos dizer o mesmo em relação à dança.

Esta experiência revela a disponibilidade das crianças em se permitir experimentar uma linguagem que – diferente do que muitos possam pensar – está muito próxima de si, de suas emoções, pois sua receptividade, seu desejo de se colocar à prova, de imitar o adulto ou seus pares, de se observar, de refletir sobre si, de pesquisar sons e gestos, de criar novos repertórios gestuais, estão carregados de uma expressividade que vem não somente de uma educação pelo ver, mas também pelo ouvir e pelo fazer, criando uma garatuja que explora o espaço e que, nesse espaço, deixa uma marca de si (BARBOSA & FOCHI, 2011, p.38).

A experiência expressiva com o teatro, e podemos dizer também com a dança, mobiliza a interface entre o corpo biológico dos bebês, espaço das necessidades e manifestações orgânicas, e o corpo comunicativo, inventivo e social. De acordo com

Pino (2005), a relação entre biológico e cultural dá-se nas interações sociais, pela significação que os adultos atribuem aos movimentos das crianças. No contato com as linguagens artísticas, compreendemos que essa significação não é somente verbal. Os adultos mobilizam sentidos entre eles e os bebês na gestualidade, nos movimentos intensivos, dançados, teatralizados, que afetam e humanizam.

Assim, gestos rituais, contágios corporais-afetivos são respostas do bebê ao corpo cênico, presente e convidativo do adulto. Essa relação adulto-bebê pode ser compreendida como expressão também do cuidado, escuta e atenção, ações docentes e pedagógicas importantes na Educação Infantil.

O planejamento de espaços cênicos instigantes, a inspiração proveniente das linguagens artísticas, a postura atenta do adulto ao seu próprio movimento, as possibilidades de estabelecer convites sensíveis que vão além dos convites verbais são pistas que este trabalho, mobilizado por uma professora-artista, pode trazer para os professores-pedagogos e professoras-pedagogas na Educação Infantil, especialmente com os bebês.

Essa constatação reverbera em reflexões acerca da formação de professores (inicial e continuada) e seu compromisso com a experiência com diferentes linguagens; também, com a construção da Pedagogia da Infância e da Educação Infantil e seu importante compromisso com a produção de conexões entre as linguagens das crianças e as linguagens artísticas, no movimento de produção das culturas infantis, desde os bebês.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Feijó de. **Linguagem corporal, docência e teoria crítica**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFRJ, 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. FOCHI, Paulo Sergio. O teatro e os bebês: trajetórias possíveis para uma pedagogia com crianças pequenas. **Espaços da escola**. Editora Unijuí, ano 21, n. 69, jan.jun. 2011, p. 29-38.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. MEC/SEB. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEB, 2009.

CASTRO, Joselma Salazar de. **A constituição da linguagem entre os e dos bebês no espaço coletivo da educação infantil**. Texto apresentado no GT7 da 36ª Reunião da ANPED, 2013.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. Tese de Doutorado. Instituto de Educação – Universidade do Minho – Minho, Portugal 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

GIL, José. **Movimento total**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GUIMARÃES, Daniela. **As relações entre os bebês e os adultos na creche: o cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011.

LABAN Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MARTINS FILHO, Altino José. **Educar na creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês**. Porto Alegre: Editora Mediações, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo v. 39 (1), 1986.

PINO, Angel. **As marcas do humano**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

STRAZZACAPPA, Marcia. A educação e a fábrica de corpos: A dança na escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, no 53, abril/2001 p.69-83.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

WALLON, Henri. **A evolução Psicológica da criança**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2005

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento: ensaio de Psicologia Comparada**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

Data de envio: 14/09/2018

Data de aceite: 03/11/2018